

junto assentava em três degraus de granito, de 0^m,30 de altura cada um, e tendo o inferior 2^m,5 de lado. O informador foi Melchior Gonçalves, de 85 anos de idade, tendo sido êle quem em 1860 destruiu o pelourinho, como dissemos, por ordem do pároco da freguesia. É oportuno dizer que aquele informador já não se lembrava de que a pedra que nos foi indicada pela rapariga castreja fizera parte do pelourinho, como devia ter feito, segundo a nossa observação.

Vê-se, pois, do que fica dito que êste pelourinho, que se levantava em frente duma pequena casa térrea servindo noutros tempos de câmara municipal, esteve no seu lugar durante três seculos.

Setúbal, Novembro de 1920.

FERNANDO BARREIROS.

Tróia de Setúbal, «Cetóbriga dos Romanos?»

No dia 20 de Setembro de 1919, parti para Setúbal com tenção de ir visitar Tróia e fazer lá algumas excavações, se «Madame» Cabral de Aquino Mascarenhas mo permitisse. Chegado àquella cidade, dirigi-me a casa desta illustre senhora, com quem tive a honra e o prazer de conversar. Exposto o fim da minha visita, S. Ex.^a deu-me gentilmente a licença desejada e disse-me que lastimava muito que um solo tão fértil (arqueológicamente falando, é claro), fosse assim desprezado pelo Estado, e que por conta dêste não se fizessem explorações metódicas, nem se velasse pela conservação das ruínas da antiga cidade romana!

Em seguida expôs-me S. Ex.^a uma idea, que consistia em: formar uma sociedade para tomar conta de Tróia, aproveitando as suas especiais condições.

Os fins principais desta sociedade, que seria formada por homens de iniciativa, e por isso verdadeiros patriotas, seriam: pôr as ruínas a descoberto, termas, casas de habitação, etc.; velar pela conservação delas; aproveitar a bela e enorme praia para banhos, o que seria excelente, já pelas suas condições naturais, já pela maravilhosa paisagem que se disfruta daquella misteriosa Tróia!

Que belo seria se se construíssem ali casas de habitação no estilo regional, com os seus lindos alpendres e as suas branquinhas paredes, recortando-se no céu azul de Portugal ou então na maravilhosa e serena serra da Arrábida, de tons azulados e lilases!

Que bem para o país se se conseguisse fazer de Tróia um centro de viageirismo, com um belo pôrto de mar, com a sua alfândega,

que não permitisse o descarado contrabando que se faz todos os dias, proveniente do Alentejo e até de Espanha!

A construção dum hotel de primeira ordem impunha-se, assim como a dum casino.

Também seria de grande utilidade, para a sciência e história, a construção dum edificio destinado a museu, onde se expusessem as preciosidades arqueológicas do local. Tróia é rica. A lagoa só por si é um tesouro, pois cada vez que se colhe o peixe que vem com a maré obtem-se uma receita superior a quatrocentos escudos, o que é importante. Além disso tem terrenos bons para a lavoura, e muitas mais qualidades que serão fontes de riqueza quando forem aproveitadas com critério.

Emfim, uma grande idea que se transformaria numa louvável obra no dia em que meia dúzia de portuguezes amigos da sua Pátria, e com algum capital, o unam à sua energia e iniciassem a grande empresa. Mostra «madame» Cabral de Aquino Mascarenhas bastante surpresa por ainda não terem aparecido êsses iniciadores...

*

Depois de agradecer a sua amabilidade, parti para Tróia, onde me demorei apenas três horas.

Fiquei encantado com a bela paisagem, mas triste por ver o abandono das ruínas romanas, documentos da nossa história. Apesar do pouco tempo que estive em Tróia pude colher, ao acaso, alguns objectos que «madame» Cabral teve a amabilidade de me oferecer.

Foram êles: um grande fragmento de capitel iónico (de coluna), um fragmento de inscrição, bocados de estuque com pintura a fresco, vários fragmentos de ânforas, um grande tijolo de sepultura, um pêso de barro (*pondus*), um fragmento de prato de barro branco, decorado por sulcos circulares (no fundo convexo tem vestígios de marca), uma pequena lança oxidada encontrada numa sepultura, etc.

*

Oxalá que o Estado olhe por Tróia e faça alguma cousa para bem da sciência e da nossa Pátria.

Que se mostre aos estrangeiros que somos um povo civilizado¹!

¹ Saiu êste modesto artigo na edição da noite, de 9 de Outubro de 1919, do jornal *O Seculo*, onde por êrro da tipografia se lê: Praia de Setúbal «Cetrobiga dos Romanos?» e onde se devia ler: Tróia de Setúbal, «Cetóbriga dos Romanos?»

*

Ofereci ao Museu Etnológico Português os seguintes objectos: o capitel iónico, o fragmento de inscrição, os bocados de estuque com pintura a fresco, vários fragmentos de ânforas e a pequena lança oxidada.

Ofereci também ao Museu (em formação) da Universidade Popular Portuguesa: um pêso de barro e vários fragmentos de ânforas e de outros vasos¹.

Reservei portanto para a minha modesta colecção: o tijolo grande de sepultura, que é semelhante aos que estão no Museu Etnológico Português provenientes da mesma estação arqueológica, e o fragmento do prato com sulcos circulares².

Quêluz, 12 de Maio de 1920.

JORGE DE ALMEIDA SEGURADO.

Coisas Velhas

(Vid. *O Arch. Port.*, xxiii, 356-369)

110. Excursão arqueologica pela Beira Alta e Baixa

As notas que se seguem foram tomadas em Agosto e Setembro de 1896, em que andei pela Beira-Alta e Baixa (carteiras LXIV a LXVI)³. De excavações que fiz em *orcas* ou dolmens falarei noutros lugares do *Archeologo*; agora só trato de cousas avulsas. Deixo também de mencionar muitas observações dialectologicas e etnograficas, que fiz: esses assuntos não pertencem aqui.

a) Sepultura da Quinta do Mosteiro (Penalva do Castelo):

Numa encosta sobranceira ao Rio-Dão frêguesia dos *Trancosêlos* (assim ouvi pronunciar), concelho de Penalva do Castelo, ha uma quinta chamada *do Mosteiro* ou *do Mosteirinho* (diz-se dos dois modos), cuja casa a tradiçãõ reza ter sido um mosteiro. Estive lá em 19 de Agosto, em companhia do meu amigo o Rev.^{do} José de Almeida

¹ Também pela mesma ocasião ofereci ao mesmo Museu, provenientes do dólmen do Montalvão (Belas), diversos ossos humanos (das mãos e crânio e um fragmento de costela) encontrados numa pequena excavação a que procedi acompanhado do meu colega e amigo Eugénio Correia.

² [Acêrcia das dificuldades que ha em identificar *Cetóbriga* em Tróia vid. o que escrevi n-*O Archeologo*, I, 62.—J. L. DE V.]

³ Cf. uns artigos que publiquei na *Gazeta da Figueira* de Setembro-Outubro de 1896, e na *Folha* (Viseu) de 26 de Janeiro de 1902.